

ISSN 0104-7183

**2** ANO 1  
NÚMERO 2  
1995  
REVISTA  
TEMÁTICA  
SEMESTRAL

# Horizontes Antropológicos

Antropologia Visual

NÚMERO ORGANIZADO  
POR CORNELIA ECKERT  
E NUNO GODOLPHIM

PUBLICAÇÃO DO PROGRAMA  
DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL  
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

1995

Porto Alegre, RS - Brasil

conselho que ele dá a um fotógrafo que esteja começando é aprender tudo sobre filme". Eu não sei em que contexto ele disse isso. Ele poderia dizer que tem que aprender tudo sobre a luz, porque isso é o que eu diria. Se eu só pudesse dizer uma coisa, eu diria "luz!". Porque sem luz não tem fotografia. Agora, tem sujeito que já saca muito a luz e não saca de filme. Tem sujeito que saca muito de Antropologia e não saca nada de imagem. As pessoas começam de patamares diferentes.

O que eu considero fundamental para você produzir alguma coisa em Antropologia Visual é que o antropólogo se alfabetize visualmente, que entenda alguma coisa de linguagem fotográfica para saber o que pedir e saber ler, e através da leitura viabilizar sua reflexão antropológica. E o fotógrafo tem que, miseravelmente, se familiarizar com o objeto de pesquisa da antropologia, com o método de pesquisa da Antropologia. Porque senão é um mudo conversando com um surdo, não vai dar!

## A experiência do Núcleo de Antropologia Visual - UFRGS<sup>1</sup>

Adriane Rodolpho  
Cornelia Eckert  
Nuno Godolphim  
Rogério Rosa<sup>2</sup>

É consensual dentro das Ciências Sociais, singularmente na Antropologia, a importância que a documentação audiovisual representa. Conjuntamente com a informatização, o instrumental audiovisual é um dos principais dinamizadores da moderna técnica de pesquisa em Antropologia. Enquanto a informática sistematiza toda uma nova forma de pensar e organizar a prática de pesquisa num nível mais íntimo do processo analítico, as técnicas de Antropologia Visual dinamizam o processo de coleta de dados, abrindo novas facetas no trabalho de análise e interpretação até então limitados à memória do pesquisador e, freqüentemente, ao seu gravador de áudio. Acrescente-se a isto a perspectiva de interação sujeito-objeto que essas técnicas proporcionam, permitindo uma maior comunicação com as populações pesquisadas, e a possibilidade de levar os resultados das pesquisas a um público mais amplo, colocando os problemas sociais, sob o crivo sociológico, ante os espectadores dos canais de televisão, por exemplo.

Com o amadurecimento da Antropologia Visual a partir dos anos 70 a nível mundial, e dos 80 no Brasil, sedimenta-se o acesso a todo um universo visível do campo de pesquisa que não tinha uma instrumentalidade própria para ser captado e trabalhado.<sup>3</sup>

A Antropologia no Rio Grande do Sul, em particular a UFRGS, esteve, até

<sup>1</sup> Texto apresentado na 4ª Reunião de Antropologia do Norte-Nordeste, GT - Antropologia Visual. João Pessoa/PB, 28 a 31 de maio, 1995.

<sup>2</sup> Cornelia Eckert é professora doutora (coordenadora do Núcleo de Antropologia Visual e do Laboratório de Antropologia Social do PPGAS/UFRGS), Nuno Godolphim (mestrando PPGAS-UFRGS), Rogério Rosa (mestrando PPGAS-UFRGS), Adriane Luisa Rodolpho (bolsista recém-mestre PPGAS/UFRGS).

<sup>3</sup> Em nível mundial a Antropologia Visual vem ganhando corpo desde o final dos anos 60, buscando desenvolver metodologias de captação de dados audiovisuais mais concernentes com as situações de pesquisa antropológica. Em 1973 a International Union of Anthropological and Ethnological Sciences, no âmbito da 9ª ICAES em Chicago, apresenta uma resolução de apoio e estímulo às iniciativas em Antropologia Visual, criando naquela ocasião uma Comissão de Antropologia Visual com o intuito de promover a circulação de idéias e experiências sobre o tema em nível internacional, entre outras atribuições. Para uma apreciação sobre a história da Antropologia Visual no mundo e no Brasil, recomendamos a leitura dos textos de Émile Brigard (1975) e Clarice Peixoto (1994), para uma rápida introdução.

recentemente, à margem deste processo, principalmente pela falta de acesso a uma infra-estrutura apropriada, apesar do esforço individual de alguns pesquisadores. De uma forma geral, durante os anos 80, a fotografia foi utilizada esporadicamente por alguns pesquisadores tentando suprir essas carências relativas à captação de imagens das realidades estudadas.<sup>4</sup>

No final desta década, com a inauguração do Laboratório de Antropologia Social do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS-UFRGS) e com a articulação do Projeto Antropologia Visual se passou a fazer um esforço no sentido de superar esta lacuna, estimulando a produção audiovisual. O projeto de Antropologia Visual foi idealizado como um espaço para a divulgação do material etnográfico produzido e para a discussão do uso de técnicas audiovisuais na pesquisa antropológica. A partir deste projeto surge o Núcleo de Antropologia Visual do PPGAS (NAVISUAL), como uma base de apoio aos principais projetos de pesquisa desenvolvidos no Laboratório de Antropologia Social.

O primeiro passo foi conseguir, através das pesquisas em andamento dos professores no PPGAS, financiamentos para a aquisição do instrumental audiovisual básico, colocado estes à disposição de todos os pesquisadores para documentar suas atividades. Paralelamente foi desenvolvido um programa de estímulo e desenvolvimento teórico-metodológico da Antropologia Visual para a pesquisa, na forma de seminários, oficinas, palestras e encontros periódicos.

Nesse sentido, o NAVISUAL, com sua equipe e seus colaboradores,<sup>5</sup> tem fornecido apoio técnico-metodológico a todas linhas de pesquisa do laboratório. Igualmente, destaca-se a promoção de debates sobre as técnicas e metodologias audiovisuais entre os alunos do PPGAS e da graduação em seminários e cadeiras específicas. Assim o núcleo tem procurado propiciar os recursos técnicos e teóricos, bem como uma orientação prática, incentivando as aplicações dessas técnicas. Também tem promovido e/ou apoiado exposições fotográficas sobre os universos de pesquisa de alunos do curso.

A sistemática de trabalho do NAVISUAL se compõe de dois campos prioritários de atuação, sendo o primeiro referente à preocupação de base didática, ou seja, a promoção de encontros mensais onde se discute teoricamente textos básicos da área,<sup>6</sup> bem como administração de palestras, cursos<sup>7</sup> e aulas junto as disciplinas de graduação e pós-graduação. O segundo consiste no planejamento e acompanhamento da utilização dos recursos audiovisuais nas atividades de pesquisa, onde a atuação da equipe se dá diretamente, indo a campo junto com os pesquisadores na coleta de dados, ou indiretamente, qualificando pessoas, especificamente, ligadas a essas linhas de pesquisa, no manuseio básico dos equipamentos e orientando a captação e a organização do material coletado.<sup>8</sup>

Além dessas atividades de apoio à pesquisa e ao ensino, o projeto tem por objetivo

<sup>4</sup> Exemplarmente poderíamos citar os trabalhos dos professores Ondina F. Leal, cujo livro *A leitura social da novela das oito* incorpora um capítulo apenas com fotografias, e Ari P. Oro, que utiliza o material fotográfico produzido em seus trabalhos de campo junto aos Tukuna e a outros povos indígenas da Amazônia em suas exposições didáticas.

<sup>5</sup> Essa equipe é formada por professores e alunos do programa de pós-graduação em Antropologia Social e alunos da graduação UFRGS (bolsistas de iniciação científica, aperfeiçoamento e recém-mestre), procurando cobrir todas as áreas de atuação audiovisual com ênfase em fotografia e vídeo.

<sup>6</sup> As oficinas bases teóricas da Antropologia Visual vêm sendo realizadas mensalmente desde meados de 1993.

<sup>7</sup> Podemos citar como exemplo o curso ministrado pela professora doutora Nancy Flowers, da City University of New York, intitulado "*What is Visual Anthropology?*", em junho de 1994, PPGAS/UFRGS.

<sup>8</sup> Uma outra atividade que se destaca é realizada em convênio com o Projeto História da Antropologia no Rio Grande do Sul, onde temos a preocupação em compor um arquivo com registros em vídeo, de palestras, seminários, entrevistas com pesquisadores e professores visitantes e defesas de dissertações de mestrado e doutorado.

promover o intercâmbio com outras instituições de ensino e pesquisa de informações e trabalhos referentes a Antropologia Visual, o que resultou na organização de eventos de porte nacional e internacional e na participação dos membros da equipe em congressos diversos.

### Considerações sobre a Antropologia Visual

Como se sabe, o antropólogo em sua pesquisa de campo, seja entre sociedades indígenas, seja no espaço urbano, sempre se defrontou com situações em que suas anotações, a sua memória e o seu gravador não conseguem dar conta da riqueza de detalhes do universo estudado.

Atualmente a Antropologia Visual vem contribuindo substancialmente com a disciplina antropológica não apenas como um material ilustrativo, mas tem sido tomada como uma importante técnica complementar dentro das técnicas de coleta de dados, ou mesmo tem sido utilizada como a principal forma de captação de dados, tornando-se a base da metodologia aplicada. Por outro lado, ao valorizar o "olhar" do pesquisador e situá-lo sobre um suporte inspecionável a Antropologia Visual surge como um espaço privilegiado de reflexão sobre todo o fazer etnográfico, sendo hoje um dos principais pólos de reflexão epistemológica da disciplina.

Da forma como compreendemos, a Antropologia Visual não é uma "disciplina independente", nem mesmo uma subárea, como a Antropologia Política ou uma Antropologia do Cinema. Trata-se, sim, da mesma e "velha" antropologia de sempre, mas apresentada sobre esse outro continente que é a comunicação audiovisual. Não é uma Antropologia da Imagem, mas uma antropologia em imagens.<sup>9</sup>

Inicialmente poderíamos distinguir três objetivos gerais que justificariam o emprego de técnicas audiovisuais na pesquisa antropológica. Num primeiro momento ela aparece como uma forma de captação de dados, no segundo como um meio que possibilita a comunicação-interação sujeito-objeto, e por fim como um instrumento de divulgação ao nível didático-acadêmico e/ou social.

O primeiro, mais comum, é referente a apreensão do dado "bruto", não descrito apenas pela palavra do pesquisador, mas como um suporte *in vivo* do dado; propiciando assim uma análise posterior mais minuciosa da disposição de certos elementos não-verbais ou não-verbalizáveis, destacando elementos verbalizados no discurso do informante, ou mesmo elementos que passaram despercebidos da "visão analítica" do pesquisador. É um emprego de âmbito interno da pesquisa.

Sob essa perspectiva, a fotografia e o vídeo, enquanto os suportes mais acessíveis e usuais, podem ser usados como técnica de documentação e receber um tratamento de "dado", como um elemento substantivo para a análise. Uma outra possibilidade seria elegê-las como o cerne do método de pesquisa, isto é, como a forma privilegiada na captação de dados.

<sup>9</sup> É esclarecedor perceber a diferença entre a Antropologia da Comunicação Visual e a Antropologia Visual propriamente dita, como propõe Canevacci (1992). A primeira se encarregaria de estudar as características da comunicação visual humana, como a fotografia e o cinema, por exemplo, e a segunda seria referente ao processo de documentação visual das realidades sociais estudadas. Ainda que próximas e muito íntimas é preciso separar analiticamente a "Antropologia da Imagem" da "Antropologia em Imagens", mesmo que uma alimente a reflexão sobre a outra, e, por vezes, sejamos obrigados a aproximá-las no amadurecimento destas duas vertentes.

No que diz respeito ao vídeo, sua riqueza consiste em possibilitar que o “outro”, o objeto esteja virtualmente presente no momento da análise, falando “ao vivo de seu habitat natural”. Isso é o que chamamos de “relato qualificado”: é a captação do dado se dando, o momento “total” da interação sujeito-objeto. Total porque nos permite visualizar por um lado a enunciação em seu contexto imediato, e por outro o próprio entrevistador e sua postura no processo de entrevista. Sob esse enfoque se abre a possibilidade de uma instigante “vigilância epistemológica” de visível valor didático.

Por outro lado a fotografia pode ser considerada como um “banco de dados estáticos”, que contém um conjunto de imagens virtuais do objeto de pesquisa, registrados sob a mira ótica do pesquisador, e que em sua visão analítica e ordenadora pode ganhar uma dinâmica explicativa, discursiva. Enquanto o vídeo é um “banco de dados cinéticos”, dados que registraram a ótica do pesquisador sobre um “desenrolar delimitado” de ações sociais, capazes de se “auto-exprimir”, permitindo uma análise da sua disposição dinâmica enquanto um discurso do objeto sobre si.

Enfim, esse primeiro objetivo de captar dados *in vivo* nos possibilita organizar um outro tipo de “banco de dados”, um banco de imagens e falas que possibilitarão uma reflexão mais ampla e criteriosa dos temas em questão, na medida em que, ao trazer a “visão” do pesquisador sobre seu objeto, permite que a fala e o código de ícones que compõem a vida dessa cultura sejam acessíveis a um número maior de pessoas.

O segundo objetivo diz respeito às possibilidades interativas dos meios audiovisuais na comunicação sujeito-objeto, no que tange ao papel dos dados como um elemento interativo nessa relação, como forma de proporcionar uma relação crítica da população-objeto com o dado sócio-antropológico. Esse objetivo depende diretamente da perspectiva do pesquisador quanto a relação sujeito-objeto. Seja simplesmente quanto à preocupação de conferir com o seu informante se a sua lógica de análise está certa, ou para vãos maiores, onde a relação sujeito-objeto aparece como um elemento catalisador da produção de um conhecimento coletivo, seja, então, enquanto uma reconstrução histórica ou numa perspectiva de reafirmação étnica. Além disso, as linhas de pesquisa social preocupadas com a educação popular tomam a foto e o vídeo como um rico elemento de interação entre o pesquisador e a população em foco. Sem falar na possibilidade de uma “devolução” quase imediata e muito palpável, algo que é tão requisitado - como uma forma de “retribuição” - pelas populações pesquisadas.

O terceiro corresponde à sua utilização com fins a montar um texto audiovisual para introduzir as questões teóricas (pertinentes ao olhar do pesquisador) e apresentar os resultados do trabalho, como forma de subsídio para a discussão acadêmica, e divulgação para a sociedade em geral.

Por fim, cabe propor a discussão da importância dos recursos audiovisuais, ou multimeios, no processo de divulgação do conhecimento sócio-antropológico, numa sociedade como a brasileira, por exemplo, com um alto índice de analfabetos que, ao mesmo tempo, apresentando uma estrutura “pós-letrada” (o predomínio dos meios audiovisuais na comunicação de massa).

Cada vez mais os meios acadêmicos são chamados a responder ante a opinião pública, nacional e mundial, numa sociedade de dimensões planetárias (onde as distâncias se encurtam frente aos modernos meios de comunicação de massa), por uma postura ativa. Isto é, mais do que contemplar “problemas sociais”, somos levados a debater e a defender da forma mais honesta e eficiente a bandeira de um pluralismo

cultural, onde a tolerância com a diversidade cultural passa a ser mais que uma postura ética sobre um objeto de pesquisa, para tomar contornos de um compromisso político em respeito a democracia da diferença e a autonomia dos povos.

Dado esse vasto território a ser explorado, é que o NAVISUAL mantém sua continuidade, a fim de dinamizar a produção e a reflexão antropológica sintonizada com as modernas tendências da visualidade dessa disciplina. Ante uma realidade, onde a informação eletrônica e imagética avançam a passos largos na história humana, a disciplina antropológica não se pode furtar de dominar e utilizar o instrumental e a linguagem dos audiovisuais, do qual o homem moderno está impregnado.

### Balanco das atividades do NAVISUAL - UFRGS

A evolução da aplicação do instrumental audiovisual no âmbito do PPGAS da UFRGS tem gerado uma série de frutos positivos, permitindo transformar o núcleo num pólo de discussão e documentação do campo visual do imaginário das temáticas estudadas.

Frente à crescente importância que a Antropologia Visual tem tomado dentro da disciplina antropológica, empreendemos nossos esforços na realização da I e da II Jornada de Antropologia Visual, com o objetivo de abrir novas perspectivas metodológicas de trabalho de campo e instrumentalizar os nossos professores e pesquisadores a formular um discurso audiovisual de imprescindível valor didático ao nível acadêmico. Entretanto, a principal importância desses eventos esteve ligada a possibilidade de levar as questões antropológicas a um público muito mais amplo, fazendo retornar para a comunidade em geral o resultado de nossas pesquisas, de uma forma mais acessível e democrática. Em que pese tais mostras de dinamismo, nunca é demais lembrar e agradecer os apoios financeiros de instituições” como FAPERGS e CNPq, além da própria UFRGS através da PROPESP, PROEXT e do PPG em Antropologia Social.

### I e II Jornada de Antropologia Visual

A I Jornada de Antropologia Visual realizou-se em novembro de 1992 sob a organização de Nuno Godolphim. Com a participação de representantes dos principais centros de produção audiovisual na pesquisa social do país, sempre com a preocupação de congregar as atividades teóricas com sua dimensão prática. Neste sentido o evento culminou com uma oficina de fotoetnografia cujo resultado é a exposição “Os Anônimos do Mercado Público”, coordenada por Nuno Godolphim, em promoção conjunta com a Prefeitura Municipal de Porto Alegre-Secretaria Municipal da Cultura.

Seguindo esse caminho, a II Jornada de Antropologia Visual realizada em outubro de 1994, coordenada pela professora Cornelia Eckert e organizada pelo mestrando Nuno Godolphim, proporcionou um estreitamento do intercâmbio nacional e internacional, contando com a participação de representantes do país e do exterior de alguns dos principais centros que trabalham com a produção de imagens na atividade de pesquisa. A II Jornada se desenvolveu em três módulos no decorrer de 23 dias, sendo os três módulos divididos na ênfase do “Ver”, com a exibição de filmes, vídeos e exposições fotográficas; do “Falar” com um *Symposium* sobre o

tema; e do “Fazer”, com palestras e *workshops* em fotografia, cinema e vídeo voltado para a dimensão prática e crítica, como forma de cristalizar em imagens o resultado de nossas discussões.

Essas jornadas consagraram um importante espaço de integração com a produção de Antropologia Visual do país, do cone sul e dos grandes centros europeus e americanos, proporcionando um enriquecimento substantivo de nosso acervo de material audiovisual na área antropológica. Contando com o apoio da Mostra Internacional de Filmes Etnográficos (RJ), foi possível exibir um panorama do que se tem produzido em termos de Antropologia Visual no Brasil e no exterior.<sup>10</sup>

Julgamos que a II Jornada de Antropologia Visual tem seu principal mérito, além dos já citados, na sensibilização de professores e alunos (de mestrado e graduação) quanto ao potencial que a imagem oferece para a disciplina antropológica, seja para um uso interno da pesquisa ajudando a enriquecer os diários de campo, ou seja como forma de levar à comunidade acadêmica e mesmo à sociedade em geral a força viva do olhar e da fala de nossos informantes.

### Outras atividades

A Antropologia Visual tem sido, tradicionalmente, um instrumento de diálogo vigoroso entre as diferentes culturas que convivem em nosso planeta, sendo hoje uma das principais vertentes do desenvolvimento da disciplina antropológica, justamente por propiciar que os grupos sociais estudados expressem a sua voz, alcançando assim uma ressonância muito mais ampla do que a circulação restrita dos meios acadêmicos. Essa perspectiva vai ao encontro da necessidade de se aumentar a comunicação entre a universidade e a sociedade civil.

Nessa perspectiva o NAVISUAL tem estendido a documentação audiovisual às pesquisas em andamento no âmbito do PPG, respeitando as limitações “visuais” dos temas em questão, os objetivos e a linha teórica adotada pelos pesquisadores. Assim, realizamos várias atividades conjuntas com quase todas as linhas de pesquisa, que resultaram nos documentários “Ciranda cirandinha”<sup>11</sup> e “Iraí, terra kaingang”.<sup>12</sup> Além destes, outros vídeos estão em andamento, como é o caso do projeto “História de vida e cotidiano dos travestis em Porto Alegre”, em convênio com o GAPA (RS), o “Nomadismo urbano”, sobre mendigos e meninos de rua, fruto da pesquisa desenvolvida na dissertação de mestrado de Cláudia Turra Magni; e ainda a documentação do “Ritual do Kiki” realizado pelos kaingang no Posto Indígena Xapecó (SC), em parceria com a UFSC.

Igualmente, buscamos incentivar e orientar a utilização da imagem por parte dos mestrandos e doutorandos do curso, o que culminou em exposições de fotografias

<sup>10</sup> No primeiro módulo, foi apresentada uma versão condensada, com mais de 50 filmes, da Mostra Internacional de Filmes Etnográficos (RG) de 1993 e 1994. Essa Mostra é organizada por Patrícia Mont-Mor, Clarice Peixoto e Ana Dahl, numa realização Interior Produções, com apoio do Centro Cultural Banco do Brasil.

<sup>11</sup> Trata-se do documentário “Ciranda cirandinha: história de circulação de crianças em classes populares”, baseado na tese de doutorado da professora Claudia Fonseca, abordando o conceito de circulação de crianças, que se refere à prática comum entre os grupos populares do trânsito de crianças por diferentes casas e famílias.

<sup>12</sup> O vídeo Iraí: terra kaingang, aborda a luta dos índios kaingang, no norte do Rio Grande do Sul, pela demarcação das suas terras. Realizado pelo Comin (Conselho Missionário Indigenista) e Onisul (Organização Nacional dos Índios do Sul), foi dirigido pelo bolsista Rogério Rosa e apoiado pelo núcleo.

ligadas à defesa de dissertação, bem como numa crescente incorporação do material visual no corpo das teses.<sup>13</sup>

Há ainda uma série de trabalhos que estão em andamento, principalmente entre os alunos do mestrado que ingressaram no primeiro semestre de 1993, dos quais cinco estudantes os têm empregado sistematicamente. Esses trabalhos, que envolvem o uso da imagem em diversos níveis, devem apresentar seus primeiros frutos no correr deste ano.<sup>14</sup>

Através do NAVISUAL, portanto, criou-se um espaço para a produção e a divulgação do material produzido por pesquisadores, que é resultado direto de uma longa discussão do uso de técnicas audiovisuais na pesquisa antropológica. No momento, a experiência desse núcleo começa a disseminar-se, em convênios com outras universidades,<sup>15</sup> e por outras áreas do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, o que vai resultar num centro de multimeios que nos possibilitará produzir cada vez mais audiovisuais sobre as pesquisas antropológicas do sul do país.

<sup>13</sup> As seguintes dissertações de mestrado desse programa utilizaram-se do recurso da fotografia, no ano de 1992/4: Maria Clara Mocellin (*Narrando as origens: um ensaio fotográfico sobre memória mítica entre descendentes de italianos*); Josiane Abruñosa da Silva (*Dos territórios da memória as vivências do espaço: bambistas e outros antigos carnavalescos da cidade*); Cláudia T. Magni (*Nomadismo urbano: uma etnografia sobre moradores de rua em Porto Alegre*); Jurema Brites (*Aprendiz de Bacana: mobilidade social e sociabilidade em uma terra afro-brasileira*); Jacqueline B. Pólora (*A sagração do cotidiano: estudo de sociabilidade de um grupo de batuqueiros em Porto Alegre*); Adriane Luisa Rodolpho (*Entre a hóstia e o almoço: um estudo sobre o sacrifício na quimbanda*). Entre esses trabalhos, os de Silva, Mocellin, Brites e Turra Magni resultaram em exposições fotográficas, que juntamente com a exposição “Os anônimos do Mercado Público”, foram exibidas em diversas oportunidades, quase sempre acompanhados de debates sobre o significado e a importância dos trabalhos expostos.

<sup>14</sup> Entre as pesquisas se destacam os trabalhos de L. Achutti como uma reflexão teórica sobre a visualidade na Antropologia, num estudo sobre a estética dos grupos populares, Liliâne S. Guterres com a documentação fotográfica sobre o carnaval e sobre uma escola de samba porto-alegrense, Maria Letícia Ferreira abordando um estudo da memória e da construção da identidade a partir da auto-representação de idosos utilizando fotografias, Edson Gastaldo utilizando a imagem (fotográfica e videográfica) para estudar a construção social da corporalidade entre praticantes de *full-contact*, e Nuno Godolphim estudando o consumo entre grupos populares que utilizam a fotografia para descrever o cotidiano desta população e destacar sua diversidade interna.

<sup>15</sup> Trata-se do convênio com a Universidade de Santa Catarina na pesquisa sobre as comunidades kaingang do sul do Brasil. Além disso, temos sido convidados por várias universidades do interior do Estado para organizar palestras e exposições.